



TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA DOCENTES
E DISCENTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

FRANCISCO EUGUENYS MEDEIROS DA SILVA
ANTÔNIA DE ABREU SOUSA



TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

**UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA DOCENTES
E DISCENTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Antônia de Abreu Sousa
Francisco Euguenys Medeiros da Silva

**TRABALHO DE CAMPO
NO ENSINO DE GEOGRAFIA**
UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA DOCENTES
E DISCENTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA





OS AUTORES responsabilizam-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isentam a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contida e declaram, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Trabalho de campo no ensino de Geografia: uma ferramenta pedagógica para docentes e discentes da Educação Profissional e Tecnológica

Copyright © 2022, Antônia de Abreu Sousa e
Francisco Euguenys Medeiros da Silva

Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Maryanne Simplicio

Revisão:

Pod Editora

Capa:

Pod Editora – Imagem: pixabay.com - Mark Mags

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização dos autores.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S58t

Silva, Francisco Euguenys Medeiros da.

Trabalho de campo no ensino de geografia : uma ferramenta pedagógica para docentes e discentes da educação profissional e tecnológica / Francisco Euguenys Medeiros da Silva, Antônia de Abreu Sousa. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Pod, 2022.

50 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5947-145-4

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Ensino profissional. 3. Professores - Formação. 4. Prática de ensino. I. Sousa, Antônia de Abreu. II. Título.

22-79278

CDD: 372.89044

CDU: 37.026:911



Agradecimentos

Aos docentes e às docentes do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Fortaleza, especialmente a minha estimada Orientadora, Professora Dra. Antônia de Abreu Sousa.

A todos os discentes companheiros do Mestrado.

Aos gestores, docentes e discentes da Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP), onde ocorreu a pesquisa, por aceitarem e confiarem.

[...] é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente. (MÉSZÁROS, 2008)

“O mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que efetivamente pode existir”

(MILTON SANTOS)

Conselho Editorial – Professores

Adéle Cristina Braga Araújo	(IFCE)
Adriana Moreira da Rocha Veiga	(UFSM)
Aline Maria Freitas Bussons	(URCA)
Ana Cláudia Uchôa Araújo	(IFCE)
Antônio Álder Teixeira	(IFCE)
Basílio Rommel Almeida Fachine	(IFCE)
Cíntia de Lima Garcia	(Estácio)
Expedito Wellington Chaves Costa	(IFCE)
Fabiano Geraldo Barbosa	(IFCE)
Francisco de Assis Francelino Alves	(IFCE)
Francisco Herbert Rolim de Sousa	(IFCE)
Geraldo Luís Bezerra Ramalho	(IFCE)
Grayce Alencar Albuquerque	(URCA)
Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo	(UECE)
Jörn Seemann	(URCA)
Leandro Araujo de Sousa	(IFCE)
Luciane Germano Goldberg	(UFC)
Luis José Silveira de Sousa	(IFCE)
Marcus Flávio Alexandre da Silva	(UECE)
Maryama Naara Felix de Alencar Lima	(FIP)
Patrícia Helena Carvalho Holanda	(UFC)
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima	(IFCE)
Paulo Sergio de Brito	(IFCE)
Raimundo Leandro Neto	(IFCE)
Ricardo Carvalho de Figueiredo	(UFMG)
Simone Cesar da Silva	(IFCE)
Solonildo Almeida da Silva	(IFCE)
Tháise Luciane Nardim	(UFT)

Dedicamos este trabalho aos docentes e discentes que se entusiasmam com a revolução do conhecimento.

Sumário

Agradecimentos.....	5
Apresentação.....	15
Introdução	19
Concepções sobre Aula de Campo.....	25
Conexão I – Pré-Campo: Planejamento Coletivo.....	27
Conexão I – Pré-Campo: Planejamento Coletivo.....	27
Conexão II – No Campo: Trabalhando a Práxis Educativa	31
3 Conexão II – No Campo: Trabalhando a Práxis Educativa	31
Conexão III – Pós-Campo: Avaliar Para Quê?.....	35
4 Conexão III – Pós-Campo: Avaliar Para Quê?.....	35
Proposta: Aula de Campo de Geografia Integrada à Formação Técnica à Luz da PHC	39
Aula de Campo de Geografia Integrada à Formação Técnica de Nível Médio em Meio Ambiente	39
Planejamento de aula à luz da Pedagogia Histórico- Crítica.....	39
Considerações Finais	45
Referências	47

Apresentação

É com imensa satisfação que apresentamos esse material textual intitulado Trabalho de campo no ensino de Geografia: uma ferramenta pedagógica educativa para docentes e discentes da Educação Profissional e Tecnológica.

O objetivo central desse material é orientar o planejamento e execução de aulas de campo de Geografia integrada à formação profissional com base na Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). Inicialmente, desenvolvemos um plano de aula para o curso de Meio Ambiente no âmbito de uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP), localizada em um município da Região Metropolitana de Fortaleza, no Ceará. Posteriormente, essa proposta poderá subsidiar outras disciplinas em distintas unidades escolares que intentem realizar aulas nessa perspectiva.

É importante enfatizar que a participação dos discentes é imprescindível para que esse recurso didático possa ser utilizado como instrumento educativo de orientação para auxiliar a execução de aulas de campo, integrando os componentes curriculares da base de formação geral com aqueles da formação profissional.

Como parte dos resultados, este material contém uma proposta de atividades interdisciplinares, integrativas e

sistematizadas com esteio no aporte teórico e na compilação de recursos (textos, fotografias, figuras, resposta aos questionários e entrevistas), obtidos durante a etapa do trabalho de campo, que despertem a aprendizagem dos discentes acerca de temáticas próprias do curso técnico em Meio Ambiente, as perspectivas de trabalho nessa área e os procedimentos pedagógicos realizados no ambiente escolar que oferta o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Técnica no Ceará, em especial nas Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEPs).

Para melhor apreciação, está estruturado em **Apresentação; Introdução; Conexão I; Conexão II; Conexão III; Considerações Finais** e as **Referências**. Contém orientações de práticas pedagógicas construídas com enfoque no Trabalho de Campo, está ancorado na Pedagogia Histórico-Crítica e nos subsídios teórico-metodológicos fundamentados no materialismo histórico e dialético.

Essa obra não é um material que traz em seu âmago um novo método de ensino, uma fórmula especial para sanar todas as problemáticas do processo de ensino e aprendizagem e de trabalho na escola, mas deverá apresentar e recomendar propostas de práticas educativas no contexto da Educação profissional como possibilidade de (re) articular as disciplinas que historicamente compõem o currículo escolar de forma fragmentada e isoladas umas das outras e que contribuem de alguma maneira para a dualidade entre Educação profissional e educação geral de nível médio e para o distanciamento com a formação humana integral dos educandos.

Esperamos que esse pequeno livro possa contribuir para conduzir práticas educativas à transformação social dos sujeitos

estudantes do Ensino Médio Integrado, especialmente das EEEPs cearenses.

Organizamos, assim, um material didático que pode ser (re) adaptado e utilizado por outros profissionais da Educação e por discentes em outros momentos na perspectiva do ensino e aprendizagem no contexto da Educação profissional de nível médio.

Francisco Euguenys Medeiros da Silva
Maranguape-CE, julho de 2022.

Introdução

A pesquisa estruturada e descrita no estudo dissertativo acadêmico, intitulado *Educação profissional no Contexto de uma escola Estadual do Ceará: tencionando práticas educativas integradas*, subsidia a elaboração de um produto educacional, oriundo do Mestrado, de acordo com a Área de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em que a produção de tais materiais seja destinada a determinados públicos, envolvendo processos de formação em ambientes de ensino formal ou não formal (BRASIL, 2017).

Pasqualli, Vieira e Castaman (2018) discorrem que os Produtos Educacionais são “[...] ferramentas didático-pedagógicas, elaborados preferencialmente em serviço para que possam estabelecer relações entre o ensino e a pesquisa na formação docente...” (P.115). Assim expresso, foi desenvolvido um material textual no formato de um Guia Didático, contendo uma proposta de aula de campo¹ integrativa, desenvolvida durante a pesquisa do mestrado, para fundamentar o potencial pedagógico de aulas de Geografia como subsídio às práticas pedagógicas em

1 Mencionada aula de campo está descrita nos resultados da Dissertação de Mestrado que embasou a formulação desse Guia.

EPT, voltadas para o curso de Meio Ambiente da escola, pesquisada de acordo com o objeto de estudo em análise: A Educação Profissional e o Ensino Médio Integrado (EMI) nas Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEPs) no contexto socio-educacional contemporâneo.

Como leciona Saviani (2007, p. 160), ao se referir à etapa da Educação correspondente ao Ensino Médio “[...] Trata-se, agora, de explicitar como o conhecimento (objeto específico do processo de ensino), isto é, como a ciência, potência espiritual, se converte em potência material no processo de produção”.

Para a consolidação da proposta do Guia, foi realizada uma pesquisa exploratória, com levantamento de bibliografia sobre a temática da Educação profissional no Brasil e no contexto cearense, análise de documentos institucionais, de acesso público, a exemplo do Projeto Político-Pedagógico (PPP) escolar, pesquisa de campo com observação participante no ambiente pesquisado, desenvolvimento de uma aula de campo sobre a temática da Hidrografia e do Gerenciamento dos Recursos Hídricos para a RMF, nos açudes Acarape do Meio e Gavião, pertencentes aos Municípios de Redenção, Pacatuba e Itaitinga, respectivamente, além da análise das respostas de entrevistas e de questionários com 45 discentes e três professores do curso de Meio Ambiente.

As etapas metodológicas da aula de campo foram desenvolvidas sob a óptica da Pedagogia Histórico-Crítica, de Dermeval Saviani (2011), e com base na proposta didática de Gasparin²

²Fonte: GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 5 ed. rev. Campinas, SP: Autores associados, 2013. Nessa obra o autor

(2013), para quem, a fim de que haja “[...] o desenvolvimento dessa proposta pedagógica, toma-se como marco referencial epistemológico a teoria dialética do conhecimento”. (P. 03). Evidenciam-se na análise de Saviani as contribuições teóricas da dialética marxista, cuja diretriz fundamental no processo de conhecimento consiste em partir da prática, ascender à teoria e descer novamente à prática, não mais como exercício inicial, mas como práxis. Assim, partindo da realidade sociocultural corrente, os educandos possam perceber as possibilidades de transformações e as dinâmicas que ocorrem continuamente no meio ambiente em estudo, principalmente aquelas relacionadas ao mundo do trabalho contemporâneo e aos mecanismos educacionais profissionalizantes.

De acordo com as análises de Gasparin (2013), o novo processo dialético de aprendizagem escolar pode ser explicitado em cinco passos, descritos em sua obra *Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*, a saber: Prática Social Inicial do Conteúdo, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática Social Final do Conteúdo. Nestes, a ação docente-discente deve ser aplicada com suporte metodológico da PHC, considerando a importância da escola na formação humana dos discentes.

Pretendemos, também, estimular a participação direta dos discentes na formulação metodológica das aulas, na perspectiva da coletividade e da auto-organização, para que possam fazer as próprias leituras dos espaços estudados, compreender as

desenvolve uma proposta didática com base na Pedagogia Histórico-Crítica, de Saviani (2011).

distintas paisagens vivenciadas durante o trabalho/estudo, ampliar os conhecimentos sobre o meio ambiente em espaços educativos extraescolares, podendo assim participar ativamente do planejamento, elaboração e execução das aulas de campo, compreendendo que o trabalho da escola não deve ser somente de ensino, mas a condição necessária à transformação social.

Esse material, de outra parte, traz subsídios teórico-metodológicos para os docentes e discentes, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, os quais pretendam desenvolver suas práticas educativas integradas, atentando para temas como Ecologia, Política de Educação Profissional e de Meio Ambiente, Educação Ambiental, Mundo do Trabalho e outros, considerando que o trabalho na escola aliado ao labor rural devem contribuir para a compreensão da aliança entre os espaços educativos, seja urbano ou rural e, em função disso, para a compreensão de todos os problemas contemporâneos principais.

Por essa perspectiva, entendemos que as práticas educativas têm a possibilidade de se desenvolverem com maior aproximação ao que tange à formação integral dos discentes, uma vez que permitirá vislumbrar a intensidade da dinâmica espacial que contempla o campo de atuação profissional que intenta trabalhar de forma coletiva e cooperativa, com variados recursos naturais, com os aspectos sociais e culturais, dentre outros, com ênfase na sustentabilidade do meio ambiente e na formação humana dos sujeitos, além do potencial educativo desses espaços. Denota-se, por conseguinte, que o trabalho de campo possibilita a atuação crítica e consciente dos escolares mediante o contato com o meio ambiente, suas conexões com a sensação de lazer,

liberdade e apreensão dos saberes, em ultrapasse às orientações técnicas e abstratas das aulas convencionais sistematizadas intraclasse. Acrescentamos a isso a importância de reconhecermos o fato de que as escolas não devem se restringir aos programas oficiais de ensino, porquanto elas não podem viver e trabalhar segundo uma fórmula uniforme e estreita.

O *locus* da pesquisa que embasou as práticas educativas de Geografia levou em consideração as razões de ordem estrutural no que respeita ao modelo escolar profissionalizante que oferta Ensino Médio Integrado, o território geográfico onde a EEEP está localizada e o aporte de elementos naturais (fauna e flora), biodiversos que fornecem recursos materiais e culturais imprescindíveis para as pesquisas científicas intrínsecas às bases teóricas do Curso Técnico em Meio Ambiente e sua relação com o Mundo do Trabalho, além do contexto social, econômico e político ligado aos mecanismos educacionais.

Esse expediente didático-pedagógico recomenda o planejamento e o desenvolvimento de aulas de campo, norteado pelo roteiro educativo orientador contido na sua proposta, para a visita em espaços educativos não formais, como o exemplo mencionado, ligado à temática da Hidrografia e dos Recursos Hídricos em espaços externos à instituição. Sendo assim, norteia os estudos com as respectivas leituras, atividades didáticas e problematização de uma determinada temática e encaminha para o trabalho de campo (pesquisa), buscando a realidade dinâmica da sociedade com o meio ambiente, a natureza e a obtenção de elementos teórico-metodológicos de análise espacial, de maneira a subsidiar os conteúdos trabalhados nas aulas de Geografia no

Ensino Médio Integrado.

O estudo – evidentemente - não tem a intenção de ludibriar os docentes, repassando um material com dicas de aulas já prontas e estáticas, mas, principalmente, orientá-los por meio de práticas educativas na perspectiva dialética do conhecimento.

Esperamos, pois, que o desenvolvimento ensino-aprendizagem ocorram continuamente e que a metodologia do trabalho de campo possa ser aperfeiçoada e utilizada com vistas a potencializar as ações pedagógicas da escola básica profissionalizante e estimule mais ainda os docentes e discentes na busca incessante do conhecimento. E, como expõem Silva *et. al* (2019), “[...] compreender os condicionantes históricos, culturais, políticos e sociais que fortalecem ou enfraquecem determinado método ou tendência pedagógica é um grande passo...” (SILVA *et. al*, 2019, p. 07).

Reafirmamos que o intuito desse trabalho é contribuir para que se perfaçam as possibilidades de práticas educativas que dinamizem as aulas, tornando-as mais atraentes e próximas da realidade social, tanto para os discentes, quanto para os docentes. Estruturamos, ao final, um planejamento de aula de campo à luz da Pedagogia Histórico-Crítica.

Concepções sobre Aula de Campo

A estratégia teórico-metodológica de aula de campo contida nesse Produto Educacional compõe uma prática educativa de ensino-aprendizagem para o contexto do Ensino Médio Integrado.

Permite que os docentes e discentes interajam diretamente com o meio a que se propõem investigar in loco.

Alguns autores afirmam que a aula de campo não é uma nova estratégia de ensino, entretanto, “[...] estudos apontam para a reduzida exploração das atividades de campo na educação escolar”. (VIVEIRO; DINIZ, 2009, p. 03).

Aula de campo não é estudo do meio!

O estudo do meio é um componente de ensino e a aula de campo é uma estratégia didática que pode ser utilizada no estudo do meio.

Como afirmam Viveiro e Diniz (2009, p. 04), “[...] As atividades de campo permitem o contato direto com o ambiente, possibilitando que o estudante se envolva e interaja em situações reais, [...] possibilita confrontar teoria e prática”

Monteiro de Oliveira e Sousa de Assis (2009, p. 198) expressam que “[...] A aula em campo é uma atividade [...] que

envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial...”

A aula de campo, mediante a leitura que faz sobre as relações entre a sociedade e a natureza no locus de sua elaboração possibilita o entendimento do mundo do trabalho em sua totalidade.

No âmbito do Ensino Médio Integrado, esse recurso é um meio e não um fim. Não resolve a dualidade estrutural na Educação profissional, potencializando, porém, as concepções docentes-discentes.

“[...] O sentido do nosso movimento não é anterior à nossa intervenção: é instaurado por nós, dentro dos limites que nos são impostos pelo quadro em que nos inserimos”. (KONDER, 2008, p. 03).

Conexão I – Pré-Campo: Planejamento Coletivo

Conexão I – Pré-Campo: Planejamento Coletivo

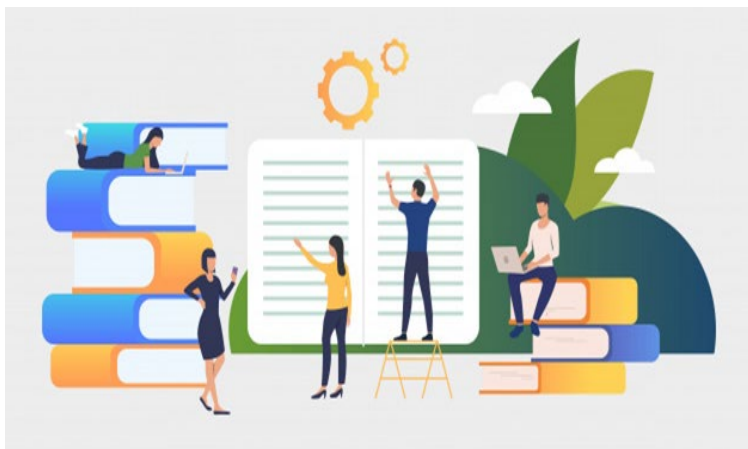
Nessa etapa, com base em Saviani, a *Prática Social Inicial* precisa ser considerada para que o problema social apareça de modo contextualizado pelos discentes por meio do seu conhecimento prévio da realidade caótica, sincrética e sua vivência. É o momento de questionamentos acerca do assunto (conteúdos sistematizados) que se quer trabalhar após seu desenvolvimento na aula convencional intraclasse por meio do livro didático e da exposição dialogada pelo docente em seu fazer pedagógico escolar.

No pré-campo, conseqüentemente, ocorre também a *Problematização*, ou seja, as discussões coletivas sobre os conteúdos didáticos e do cotidiano social com amparo na elaboração de perguntas norteadoras. Com base em Gasparim (2013), as dimensões a serem trabalhadas podem ser de natureza Conceitual, Histórica, Política, Social, Econômica, Legal, Estética/Afetiva e Cultural etc.

Recomendamos que os docentes e discentes elaborem coletivamente um plano, compilando os materiais (caderno de campo, equipamentos tecnológicos e outros) utilizados no

suporte da aula de campo. É importante que uma comissão visite previamente o local a ser ocupado, organize os instrumentos de coleta de dados, forme parcerias com os responsáveis pelo ambiente em estudo, elabore o roteiro a ser seguido, solicite autorização dos seus responsáveis e monte um banco de figuras, mapas e demais ilustrações.

Configura-se, aqui, o trabalho de campo, ou o início da pesquisa para o desenvolvimento da aula. Afloram nesse encontro de sujeitos sociais pontos de convergência e divergência na prática educativa que se quer integrada.



“[...] Ainda que a realidade de cada unidade escolar apresente suas peculiaridades, com um corpo docente heterogêneo e com visões de vida e de educação bastante diferentes, neste momento pode existir um pequeno grupo que deseje atuar de forma integrada e frente o desafio de um trabalho coletivo...” (PONTUSCHKA, 2009, p. 175).

A coletividade no trabalho rural é um momento de crescimento intelectual, de criação das concepções que possibilitam interagir com entendimento crítico sobre os mais variados aspectos das relações sociais e de incorrer para a formação humana integral.

A Prática Social Inicial e a Problematização, como bem adverte Gasparin (2013), com arrimo em Saviani (2011), acontece dialeticamente no conhecimento escolar e não linear. Elas se desenvolvem de acordo com o processo de prática-teoria-prática, não condicionando os discentes à mera circunstância de recebedores de orientações, sem que com isso possam confrontá-las de maneira crítica e intervir no processo de ensino e aprendizagem, em sua própria transformação social.

“A proposta pedagógica, portanto, derivada dessa teoria dialética do conhecimento tem como primeiro passo ver a prática social dos sujeitos da educação. A tomada de consciência sobre essa prática deve levar o professor e os alunos à busca do conhecimento teórico que ilumine e possibilite refletir sobre seu fazer prático cotidiano. A prática da qual se está falando não se reduz somente ao que fazem, sentem e pensam os educandos em seu dia a dia. Ela sempre é, também, uma expressão da prática social geral, da qual o grupo faz parte...” (GASPARIN, 2013, p. 06).

Gasparin e Petenucci (2007), ao discorrerem sobre o método dialético de formulação do conhecimento escolar, que está nos momentos da PHC, tomam como base também a Teoria

Histórico-Cultural, de Lev Semenovich Vygotsky, com o conceito psicológico de Zona de Desenvolvimento Imediato, no qual:

[...] O desenvolvimento potencial em uma dada fase torna-se, em um momento consecutivo, desenvolvimento real; este último, por conseguinte, provoca o surgimento de novas potencialidades, caracterizando um movimento dialético entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial. Esse movimento é provocado pelo educador pela intervenção pedagógica (processo de mediação), criando assim, a zona de desenvolvimento proximal. (GASPARIN; PETENUCCI, 2007, p. 08. Grifamos).

Conexão II – No Campo: Trabalhando a Práxis Educativa

Conexão II – No Campo: Trabalhando a Práxis Educativa

As atividades em campo apontam para o momento de *Instrumentalização* proposto na PHC. Elas podem ser compreendidas e desenvolvidas de acordo com o que foi planejado no trabalho de campo desde os momentos de *Prática Social Inicial* e *Problematização* em sala de aula, podendo ocorrer em outros espaços educativos não formais.

“[...] A Instrumentalização é o caminho pelo qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional [...] esse é o momento do fazer docente-discente, em sala de aula, evidenciando que o estudo dos conteúdos propostos está em função das respostas a serem dadas às questões da prática social...” (GASPARIN, 2013, p. 51).

Não confundir o momento de Instrumentalização com a operacionalização de instrumentos materiais para captação de

informações e dados empíricos da realidade espacial em estudo. Esse passo, como já descrito, corresponde à aprendizagem consciente sobre o saber historicamente produzido pela humanidade introjetada pelos discentes que, ao incorporá-la, realizam suas ações, pela mediação do professor, e conseguem interagir com criticidade para enfrentar os problemas (possibilidade de novos conhecimentos) que porventura venham a ocorrer no seu meio social.

“Esse passo, como já descrito, corresponde à aprendizagem consciente sobre o saber historicamente produzido pela humanidade introjetada pelos discentes que, ao incorporá-la, realizam suas ações, pela *mediação do professor*”.

Nesse percurso, entretanto, demandam-se recursos humanos e materiais, métodos e técnicas de pesquisa, com a utilização dos instrumentos de coleta de informações, fazendo anotações e produzindo subsídios teóricos, registros fotográficos e, nesse caso específico, georreferenciamento do local. Os alunos orientados pelos professores da formação profissional e pelo professor de Geografia podem utilizar os equipamentos do Sistema de Posicionamento Global (GPS) e outros instrumentos tecnológicos. Subentende-se que os professores da base técnica de formação profissional do curso de Meio Ambiente tenham domínio sobre os equipamentos tecnológicos de apreensão do real pelo virtual e demais meios.

A etapa exige uma ação docente-discente sem prejulgamentos acerca do espaço que será analisado, ou seja, é imprescindível observar e registrar os fatos conforme dispostos no momento da

apreensão. As comparações e avaliações deverão compor os textos e, posteriormente, estarão registradas em materiais de referência para outros grupos que ousarem realizar esse trabalho.

Monteiro de Oliveira e Sousa de Assis, (2009, p. 198), discorrem que “[...] a aula em campo é um corpo didático que não tem como ser separado da sensação de lazer, ansiedade, angústia e novidades...” À primeira vista, os autores deixam a entender que estar em campo é deleitar-se no alívio. Mais do que isso, todavia, é a sensação de constituir pelo trabalho docente-discente a práxis educativa necessária à transformação social.

“[...] liberar o olhar, o cheirar, o ouvir, o tatear, o degustar. Enfim, liberar o sentir mecanizado pela vida em sociedade para proceder à leitura afetiva, que se realiza em dois movimentos contrários: negar a alienação, o esquema, a rotina, o sistema, o preconceito e afirmar o afeto da comunidade e da personalidade” (PONCHUSKA, 2009, p. 180).

“O CAMPO É VIDA”

“É a sensação de construir pelo trabalho docente-discente a práxis educativa necessária à transformação social”

Conexão III – Pós-Campo: Avaliar Para Quê?

Conexão III – Pós-Campo: Avaliar Para Quê?

Após a realização da dinâmica da aula em campo, tomando como referência os aspectos da realidade espacial analisada, discutida e apreendida durante o trabalho docente-discente, confrontados aos conteúdos sistematizados, esperamos que o momento da *catarse* seja atingido pelos alunos. As evidências quanto a isso podem ser observadas nas atitudes deles, quando, em suas “novas” atitudes refletem uma modalidade mais elaborada do conhecimento, ou seja, conseguem sistematizar e manifestar o que assimilaram, superando a sua visão caótica e sincrética manifesta na Prática Social Inicial.

“[...] A *Catarse* é a síntese do cotidiano e do científico, do teórico e do prático a que o educando chegou, marcando sua nova posição em relação ao conteúdo e à forma de sua construção social e sua reconstrução na escola. É a expressão teórica dessa postura mental do aluno que evidencia a elaboração da totalidade concreta em grau intelectual mais elevado de compreensão. Significa, outrossim, a conclusão, o resumo que ele faz do

conteúdo apreendido recentemente. É o novo ponto teórico de chegada; manifestação do novo conceito adquirido.” (GASPARIN, 2013, p. 124).

Os momentos da PHC independem de uma sequência lógica, podendo ocorrer qualquer um em qualquer circunstância do desenvolvimento das aulas. Não é um movimento linear. O discente desde o início já tem possibilidade de apresentar um *conhecimento catártico*.

No pós-campo é imprescindível fazer a avaliação da aula de campo, das suas respectivas abordagens temáticas e da aprendizagem dos alunos. Podem ser estruturados e aplicados instrumentos alternativos de avaliação, de acordo com a necessidade do aluno, sem, necessariamente, substituir o formato-padrão das determinações do sistema educacional. Este, certamente, ocorrerá na textura da própria sugestão avaliativa formal pertencente aos mecanismos de verificação da aprendizagem escolar.

A maneira de avaliação com referência na PHC deve considerar, além da formulação de relatórios escritos pelos alunos em formato de textos argumentativos, partindo das dimensões analisadas (Conceitual; Histórica; Social; Cultural), outras manifestações de aprendizagem, prescindindo dos métodos sistematizados. Evidentemente, nem todos os discentes conseguem atingir determinado nível de aprendizagem e de *conhecimento catártico* capaz de se posicionar criticamente perante a problemática analisada. É imprescindível, entretanto, uma contínua contraposição aos métodos formais.

Como realizar a avaliação de acordo com a PHC?

Sugestão: Avaliação (1) com esteio na proposta didática de Gasparin (2013)

1. Informal (PHC)	2. Formal
<p>Na avaliação informal, o aluno, por iniciativa própria e de maneira espontânea, manifesta o quanto incorporou dos conteúdos e dos métodos de trabalho utilizados.</p> <p>– Instrumentos: o aluno escolhe o modo de expressão através do qual se sinta mais seguro para manifestar seu nível de aprendizagem</p>	<p>O professor seleciona e apresenta as diversas maneiras que oferecem ao educando a oportunidade de se manifestar sobre o quanto suas respostas se aproximam das questões básicas que orientam a aprendizagem.</p> <p>– Instrumentos: o professor pode propor verificações orais, debates, seminários, resumos; elaboração de textos, redações, confecção de materiais como cartazes, maquetes, provas escritas.</p>
<p>– Critérios: estes devem ser comuns e do conhecimento de todos os alunos. São fundamentais a organização e clareza na aprendizagem dos resultados, correção, articulação das partes, sequência lógica, rigor na argumentação, criatividade.</p>	

Fonte: elaboração própria, com base na didática de Gasparin (2013)

Proposta: Aula de Campo de Geografia Integrada à Formação Técnica à Luz da PHC

Aula de Campo de Geografia Integrada à Formação Técnica de Nível Médio em Meio Ambiente

Planejamento de aula à luz da Pedagogia Histórico-Crítica

O Plano de aula a seguir é uma sugestão de trabalho docente-discente com base na proposta didática de Gasparin e na Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani

Instituição: EEEP STGM
Curso/Série: Técnico em Meio Ambiente
Disciplinas: Geografia (Base Geral) e Gerenciamento de Recursos Hídricos (Técnico)
Unidade temática: Hidrografia e Gerenciamento dos Recursos Hídricos
Horas-aulas: 10 h/a
Docentes: X, Y e Z
1. PRÁTICA SOCIAL INICIAL
1.1 Unidade de conteúdo: Bacia Hidrográfica da Região

Metropolitana de Fortaleza – RMF; açudes Acarape do Meio (Redenção-CE) e Gavião (Pacatuba e Itaitinga-CE)

Objetivo geral: Analisar a Bacia Hidrográfica Metropolitana (BHM), associando as causas da falta de abastecimento de água para o espaço geográfico cearense.

Tópicos do conteúdo e objetivos específicos

➤ Tópico 1. O que é uma Bacia Hidrográfica?

Objetivo específico: Conceituar o que é BH *com vistas a distingui-la de outras modalidades de capacidade de acumulação hídrica para o consumo e a produção moderna.*

➤ Tópico 2. A Bacia Hidrográfica Metropolitana

Objetivo específico: Conhecer *in loco* os municípios e seus respectivos açudes que compõem a BHM, *analisando sua modalidade de abastecimento de água para a Capital cearense, principalmente em relação à produção industrial.*

➤ Tópico 3. A água é para o consumo humano ou para a produção?

Objetivo específico: Entender que o abastecimento de água é transmitido por esse equipamento, principalmente para alimentar as grandes indústrias, *buscando analisar os impactos que as populações menos favorecidas, a classe trabalhadora, poderá sofrer com isso.*

1.2 – Vivência dos conteúdos pelos educandos:

a) O que já conhecem: Açude, Serras, Seca, Indústrias, Cidades, População, Trabalhadores, Precipitações, Agricultura, Hidrografia, Recursos Hídricos, Meio Ambiente,

Política, Governo.

b) Desafio: o que os alunos gostariam de saber a mais

- História da construção dos açudes;
- Porque os açudes foram construídos nesses locais;
- Quem está se beneficiando mais com esse abastecimento;
- Impactos ambientais que podem ocorrer com o rompimento da barragem;
- Quem é o responsável pelo gerenciamento desses açudes;
- Possibilidade de algum aluno trabalhar como Técnico nesses açudes.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

2.1 Discussão sobre o Conteúdo

- Por que estudar essa temática?
- Quais as chances do açude Acarape do Meio (Redenção-CE) romper sua barragem?
- O que é Cota e volume morto de água de um reservatório?
- Qual a importância do gerenciamento das águas?
- Qual a relação dessa temática com o curso de Meio Ambiente?

2.2 Dimensões do conteúdo a serem trabalhadas

- Científica: o meio ambiente e a sociedade.
- Histórica: processos de construção dos açudes.
- Econômica: qual o valor atual para se construir um

equipamento desse porte? De quem é essa responsabilidade financeira?

- Social: a importância do equilíbrio entre *homem e natureza; sociedade e meio ambiente*.
- Legal: quais os dispositivos legais federais, estaduais e municipais que tratam da água de modo geral?
- Política: quais as políticas de preservação, conservação e manutenção desses equipamentos de abastecimento de água no Ceará?
- Cultural: quais as modalidades de captação de água das pessoas que moram no espaço urbano e daquelas residentes nos *loci* do espaço rural?
- Educacional: como os professores e os alunos do curso técnico em Meio Ambiente da Escola Profissionalizante podem contribuir para que haja melhoria no abastecimento de água para a RMF, incluindo o nosso município? Qual o nosso papel na qualidade de estudantes?

3. INSTRUMENTALIZAÇÃO

3.1 Ações docentes e discentes

- Aulas dialogadas sobre a temática.
- Leitura e discussões dos documentos que trazem a legislação sobre o abastecimento de água; livros e outros materiais educativos.
- Pesquisa em fontes científicas.
- Palestras.

- Seminários.
- Trabalho rural coletivo e aula de campo.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Artigos científicos, livros, consultas em *sites* na Internet, documentos institucionais de acesso público, jornais, campo.

4. CATARSE

4.1 Elaboração mental da síntese pelo aluno

4.2 Expressão da síntese: avaliação, segundo as dimensões estudadas

- Científica.
- Histórica.
- Econômica.
- Social.
- Legal.
- Política.
- Cultural.
- Educacional.

5. PRÁTICA SOCIAL FINAL

5.1 – Manifestação da nova postura prática: intenções do aluno

5.2 – Compromisso do aluno: ações práticas sobre o conteúdo estudado

Fonte: elaborado pelo autor com base na Didática de Gasparin (2013)

A Catarse e a Prática Social Final são momentos peculiares ao desenvolvimento cognitivo e social dos discentes, os quais poderão assumir, ou não, uma nova atitude e o entendimento

sobre a realidade estudada. Ele terá o domínio sistemático e de expressão do que assimilará. Portanto, não inserimos os depoimentos no quadro de planejamento.

Bom trabalho!

Considerações Finais

Não chegamos ao fim...

Tampouco é o começo...

A pesquisa desenvolvida no Mestrado por intermédio do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), proporcionou a elaboração desse material de práticas educativas, denominado Guia de aulas de campo de Geografia integrada à Educação Profissional e Técnica de Nível Médio.

Acreditamos que a proposta teórico-metodológica contida nesse instrumento possa contribuir para que as aulas de Geografia, especialmente as de campo, ocorram de modo integrado à formação profissional e que os docentes e os discentes estabeleçam seu planejamento coletivo, visando a consubstanciar as temáticas trabalhadas na perspectiva da práxis educacional no Ensino Médio Integrado.

Ademais, a utilização desse Guia é facultativa, entretanto, esperamos que contribua para preencher algumas lacunas ou até mesmo a falta de materiais essenciais à prática pedagógica do professor que atua nas Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP) do Ceará. Evidentemente, a utilização desse recurso não se limita ao contexto dessas escolas, podendo ele ser desenvolvido e adaptado à realidade de outros espaços educativos,

sejam estes formais ou não formais. Assim, esperamos que este ensaio estimule e engendre outros experimentos, nessa mesma perspectiva, e que o acesso ao Guia se amplie para outros profissionais, mormente em ambientes educativos.

Destarte, concluímos que não há metodologia satisfatória se não houver o engajamento dos professores e sua relação dialética com os discentes, os espaços educativos e com os procedimentos de ensino na perspectiva crítica que promova a transformação social.

Referências

- BRASIL. MEC. Ministério da Educação. CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Institucional. Área de Ensino. Documento de área. 2017. Disponível em: [http://capes.gov.br/images/documentos/Documentos de area 2017/DOCUMENTO AREA ENSINO 24 MAIO.pdf](http://capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/DOCUMENTO_AREA_ENSINO_24_MAIO.pdf). Acesso em 21/03/2019
- GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. Pedagogia histórico crítica: da teoria à prática no contexto escolar. **Artigo, Paraná**, 2007, 2289-8.
- KONDER, Leandro. A dialética e o marxismo. **Revista Trabalho Necessário**, 2003, 1.1.
- MONTEIRO DE OLIVEIRA, Christian Dennys; SOUSA DE ASSIS, Raimundo Jucier. Travessias da aula em campo na Geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. Educação e Pesquisa, vol. 35, núm. 1, janeiro-abril, 2009, pp. 195-209, Universidade de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, v. 35, n. 1, p. 195-209, 2009.
- PASQUALLI, Roberta; DE APARECIDO VIEIRA, Josimar; CASTAMAN, Ana Sara. Produtos educacionais na formação do mestre em Educação Profissional e Tecnológica. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 4, n. 07, 2018.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Estudo do Meio: Momentos significativos de apreensão do real. PONTUSCHKA, NN; PAGANELLI, TI; CACETE, NH. **Para Ensinar e Aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2009**,p. 171-200.

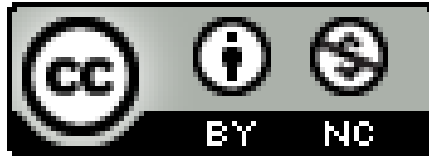
SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações.** São Paulo: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista brasileira de educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 5, n. 2, p. 25-46, 2013.

SILVA, F. E. M et alii. An analysis of gasparin's didactics: the possibility of pedagogical praxis? **Research, Society and Development**, v. 8, n. 9, p. 39891316, 2019.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, RE da S. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em tela**, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2009.



O trabalho "Trabalho de campo no ensino de Geografia: uma ferramenta pedagógica para docentes e discentes da Educação Profissional e Tecnológica" de Francisco Euguenys Medeiros da Silva e Antônia de Abreu Sousa está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

www.podeditora.com.br
contato@podeditora.com.br

2022